

## "TEORIA DA MENTE", MACHADO DE ASSIS E A ESCOLA REALISTA

"Ao vencedor, as batatas." A frase aforística do filósofo semidemente, Quincas Borba, resume uma visão do mundo. Como Flávio Loureiro Chaves assinalou, esse mundo, no romance de Machado de Assis, é um mundo eminentemente social.<sup>1</sup> A interação universal entre os seres se alegoriza na forma de um campo de batatas contestado por duas tribos famintas. Há batatas para alimentar apenas uma delas. Os dois grupos perecerão a menos que um, pela guerra, elimine o outro. Tal eliminação assegurará a sobrevivência de alguns. "Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor as batatas".<sup>2</sup>

O cosmos machadiano está povoado de disputadores sociais, indivíduos famintos (e mesmo os ricos têm fome de algo), lutando pelas batatas da vida. Portanto, seus relacionamentos são estratégicos. Não nos deve surpreender, então, que a ficção de Machado apresente inúmeros exemplos de personagens aptos a adivinhar os desejos e os planos dos outros. Praticando essa habilidade, conseguem posicionar-se com vantagem, aproveitar oportunidades, evitar conflitos e alimentar suas necessidades emocionais. Em geral, os "vencedores" são aqueles dotados de uma intuição social bem desenvolvida, enquanto os "vencidos" são menos talentosos nesse aspecto.

Tal capacidade de formar representações do pensamento alheio é denominada de "Teoria da Mente" na psicologia cognitiva.<sup>3</sup> Por um lado, a Teoria da Mente é uma questão de senso comum, pertencendo a uma "psicologia popular" que permite o funcionamento social normal por meio de uma "leitura da mente de todo o dia" ("*everyday mind*

---

<sup>1</sup> Cf. CHAVES, Flávio Loureiro. *O mundo social de Quincas Borba*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

<sup>2</sup> ASSIS, Machado de. Quincas Borba. In:\_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. v. 1, p. 649.

<sup>3</sup> Cf. ZUNSHINE, Lisa. *Why we read fiction: Theory of mind and the novel*. Columbus: Ohio State University Press, 2006.

reading").<sup>4</sup> Por outro lado, é um tópico de crescente interesse para filósofos, cognitivistas, desenvolvimentistas e até primatologistas, que desejam entender, tanto teoricamente quanto empiricamente, os processos pelos quais essas capacidades são adquiridas e usadas.

A Teoria da Mente vem-se tornando cada vez mais presente nos estudos literários, na medida em que busca explicar autores, personagens e mesmo leitores como seres empenhados na "leitura das mentes", em vários sentidos. Segundo uma declaração programática de um grupo de pioneiros no campo,

ao reconhecer textos como registros historicamente específicos de mentes humanas em ação, podemos atingir novos esclarecimentos, tanto para os textos individuais como para os meios culturais em que esses existem. O conhecimento desenvolvido pela ciência cognitiva sobre assuntos como a percepção, a metáfora, a formação de conceitos e a categorização pode ser convocado para apoiar modos de pesquisa e crítica reconhecidamente literários e históricos: a análise de textos individuais, os estudos de corpos autorais, o exame de gêneros, a investigação das estruturas e parâmetros dos discursos históricos, etc.<sup>5</sup>

A "leitura das mentes" é um domínio especial para Machado de Assis. Vejamos a seguinte descrição do personagem Garcia, do conto "A causa secreta": "Garcia [...] possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo".<sup>6</sup> O "segredo do organismo" ou seja, a "causa secreta", consiste na decifração dos processos cognitivos alheios. O que se afirma do personagem do conto, afirma-se também do autor. Machado é possuidor daquele dom supremo de penetrar o recinto secreto da mente. Cumpre ver apenas alguns exemplos dessa leitura estratégica.

No conto "A cartomante", a adivinha é desmascarada quanto a sua capacidade de ver o futuro. No entanto, ela se mostra uma leitora muito perspicaz dos estados mentais dos

---

<sup>4</sup> Cf. WHITEN, Andrew. The emergence of mindreading: Steps toward an interdisciplinary enterprise. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Natural theories of mind: evolution, development and simulation of everyday mindreading*. Oxford: Blackwell, 1991. p. 19-38.

<sup>5</sup> MLA 1998 Forum Proposal – "Historicizing cognition: literature and the cognitive revolution". <http://cogweb.ucla.edu/mla98/Forum.html>, acessado em 8 de agosto de 2008.

<sup>6</sup> ASSIS, Machado de. A causa secreta. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. v. 2, p. 514.

outros. Mantém-se pela prática de "ler as mentes" e os rostos dos outros, dizendo-lhes o que querem ouvir. Por uma combinação de "linguagem corporal" e perguntas vagas, ela descobre que está sendo consultada por um par de amantes adúlteros, primeiro a mulher e, algum tempo mais tarde o homem, receosos ambos de serem descobertos. Tranqüiliza os dois, assegurando-lhes que podem prosseguir sem perigo e que tudo irá bem – conselho que leva à morte dos amantes nas mãos de um marido ciumento.

"Noite de almirante" apresenta um jovem marinheiro, Deolindo Venta-Grande, retornando a sua namorada depois de uma longa viagem. Comportou-se como um santo em todos os portos, tendo prometido fidelidade, e espera ser recompensado com uma noite de prazeres amorosos. Os gracejos de seus companheiros de bordo alimentam a expectativa. Porém o jovem descobre que, na sua ausência, a namorada encontrou outro companheiro. Deolindo sofre uma grande decepção, mas, através de uma Teoria da Mente intuitiva, encontra uma maneira de compensar em algum grau o acordo não cumprido. Depois de passar a noite fora, volta ao navio guardando o maior silêncio. Assim, sente o prazer de fazer os companheiros pensarem que tenha passado uma noite de paixão. Sua "noite de almirante" consiste na consciência dessa imagem virtual, representação da imaginação dos outros marinheiros.

No conto "Linha reta e linha curva", o jovem Tito, primeiro, faz a corte a Emília de uma maneira direta. Lisonjeia a moça, dá-lhe uma atenção solícita, confessa sua sincera devoção. Tal aproximação frontal rende um desrespeito absoluto por parte da jovem. Anos mais tarde encontra-a de novo, e ela nem se lembra dele. Mas a experiência desastrosa anterior tinha sido uma aprendizagem sobre o estado mental da amada. Da segunda vez, em seus encontros repetidos na casa de amigos comuns, ele não faz caso dela. Trata-a de uma maneira superior, e não lhe estende o mínimo calor ou afeto. Assim, consegue que a mulher se apaixone por ele. Tendo obtido sucesso com essa estratégia, Tito volta a seu estado naturalmente aberto e carinhoso, casando com a mulher que antes o tinha rejeitado.

No relato "Uns braços", o advogado Borges e sua esposa, Severina, hospedam Inácio, um moço de recados. Nas refeições, servindo-se de uma aguda Teoria da Mente, Severina começa a sentir o olhar apaixonado do empregado adolescente. Uma vez

descoberta a ênfase do jovem, ela começa, sem querer, a sentir um fascínio por ele. Certo domingo à tarde, entra furtivamente no quarto do rapaz e o beija enquanto ele está dormindo. Por coincidência, no mesmo instante o rapaz está sonhando com um beijo da mulher do advogado. Vexada com sua falta de discrição para com o jovem, Severina faz com que o marido o despeça do trabalho. Inácio, cuja capacidade de atribuir estados mentais é menos desenvolvida, nunca entende o motivo da demissão.

Em si, a presença de praticantes da Teoria da Mente não é muito notável. Todos os personagens literários devem usar, em alguma medida, tal "psicologia popular". Mas Machado de Assis merece uma atenção especial pelo fato de que desenvolveu uma estética literária coerente, em oposição à de seus contemporâneos, baseada em idéias parecidas com as da Teoria da Mente.

A rejeição, por Machado, do Realismo como escola literária foi bem explícita. Quando nos detemos em certos detalhes de sua crítica à escola (por exemplo, no fato de que cita Émile Zola como um proponente do grupo), parece que na realidade o alvo do ataque era o que hoje seria denominado o Naturalismo ou, talvez, uma combinação do Realismo e do Naturalismo.

A crítica ao Realismo-Naturalismo está especialmente evidente na famosa resenha crítica de duas partes, do romance *O primo Basílio* de Eça de Queirós. As graves dúvidas de Machado sobre o romance, até certo ponto, são uma questão de bom gosto. O autor brasileiro, cujas preferências estéticas tendiam para o clássico, acha excessiva a quantidade de detalhes com que o autor português representou as atividades adúlteras de Luísa e seu primo. Mas a crítica vai muito além disso. Fosse a questão de decoro o único senão da resenha, poderíamos descartar Machado como um mero melindroso. Porém, há um aspecto mais sério no argumento, que não diz respeito ao tipo de detalhes, mas sim ao problema do detalhe em si. Machado afirma que Eça é "um autor, que não esquece nada, que não oculta nada",<sup>7</sup> e o condena por tentar praticar uma "exação de inventário".<sup>8</sup> Culpa aos realistas-naturalistas por uma obsessão pela acumulação dos detalhes: "Porque a nova poética [...] só

---

<sup>7</sup> ASSIS, Machado de. [Eça de Queirós: *O primo Basílio*]. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. v. 3, p. 904.

<sup>8</sup> Ibidem.

chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha".<sup>9</sup>

Quero focar em particular a atribuição, ao movimento ao qual se opõe, de uma espécie de fixação. Machado afirma que os seguidores da escola são obcecados com um tipo de contabilidade, com a elaboração de inventários, com a determinação exata "do número de fios" dos panos de cozinha. No contexto da Teoria da Mente, poderíamos dizer que Machado vê as deficiências do Realismo-Naturalismo como se fosse um autismo estético.

O autismo, sendo uma deficiência na capacidade de imaginar estados mentais, é o complemento lógico da Teoria da Mente. Desenvolveram-se os estudos sobre a Teoria da Mente, em grande parte, para entender o que está em falta na mente autista, ou para ter um ponto de referência da cognição normal, em contraste com a perspectiva deficiente.<sup>10</sup> A prova clássica do autismo, em uso na avaliação de crianças desde 1983, é a "tarefa da crença falsa".<sup>11</sup> A criança observa João escondendo uma bola em certo lugar. João então sai de cena, e Miguel entra. Miguel encontra a bola, e a esconde em outro lugar. Miguel sai, João volta. Então a pergunta dirigida à criança é: "Onde João vai tentar encontrar a bola?". As crianças normais (pelo menos depois dos três ou quatro anos de idade) respondem que João vai buscar a bola no lugar original, mostrando uma capacidade de entender que uma pessoa pode ter uma crença errada. As crianças autistas não conseguem fazer tal atribuição, e respondem que João vai buscá-la no segundo lugar, onde realmente está.

O autismo, assim, é uma fixação nos fatos evidentes, em detrimento das realidades subjacentes ou implícitas. Machado de Assis critica as mesmas deficiências no Realismo ou Naturalismo. Se um indivíduo autista se fixa numa realidade objetiva e estritamente delimitada, mostrando assim uma insensibilidade aos fenômenos subjetivos relacionados (ou em si mesmo ou nos outros), Machado afirma que, da mesma maneira, a nova estética se detém inflexivelmente na representação exata da realidade objetiva, criando no processo

---

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> Cf. ZUNSHINE, Lisa. Op. cit., p. 11.

<sup>11</sup> Cf. WIMMER, Heinz e PERNER, Josef. Beliefs about beliefs: representation and constraining function of wrong beliefs in young children's understanding of deception". *Cognition* 13 (1983). p. 103-128.

uma cegueira para a realidade vital do sujeito. Se a pessoa autista tem desafios sociais, por falta da habilidade de relacionar-se empaticamente com os outros, Machado encontra o mesmo problema num movimento que não leva em conta a dinâmica do leitor.

Quando Machado condena Eça, como discípulo do Realismo, por "não esquecer nada", é natural lembrar o conhecido "Funes, el memorioso", conto em que Jorge Luis Borges examina o fenômeno do autismo. Irineo Funes tinha uma memória de tudo o que havia percebido, em todos os detalhes: "*Dos o tres veces había reconstruído un día entero; no había dudado nunca, pero cada reconstrucción había requerido un día entero*".<sup>12</sup> Com sua memória prodigiosa, tinha aprendido em poucos dias o inglês, o francês, o português e o latim, mas "*no era muy capaz de pensar. Pensar es olvidar diferencias, es generalizar, abstraer. Em el abarrotado mundo de Funes no había sino detalles, casi inmediatos*".<sup>13</sup> Vemos neste trecho a necessidade do esquecimento, do lapso ou da lacuna. O vazio, espaço sem detalhes, é a abertura para a abstração do sujeito. Sem lapsos, não há pensamento. A assombrosa capacidade de Funes de guardar tudo é também sua maior deficiência, porque a contínua fixação no detalhe imediato não deixa funcionar o sujeito – projetor de significados, intuitor de pensamentos alheios, construtor de relacionamentos humanos.

Na resenha crítica de *O primo Basílio*, não há elaboração de um programa estético, ou de uma alternativa ao Realismo-Naturalismo. O aspecto positivo da visão estética de Machado fica nas entrelinhas. Mas em certo sentido tal silêncio é apropriado, pois veremos que o programa machadiano é precisamente uma questão de privilegiar o implícito sobre o explícito. Se a necessidade dos realistas de "não esquecer nada" e de "não esconder nada" é um defeito, então sugere-se que Machado achará um valor estético em esquecer e esconder.

A corroboração desse programa estético implícito está nos romances e nos contos de Machado de Assis. Nos romances mais maduros, os narradores estão ativamente envolvidos com narratários, entidades chamadas por eles "leitor" ou "leitora". Quase sempre, essas conversas com o "leitor" tratam de algum tipo de atribuição de um estado mental. Talvez o exemplo mais conhecido seja o das *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

---

<sup>12</sup> BORGES, Jorge Luis. Funes el memorioso. In:\_\_\_\_\_. *Ficciones*. Buenos Aires: Emecé, 1956. p. 113.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 116.

[...] porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...<sup>14</sup>

A passagem revela uma relação estreita entre o narrador e o narratário. Ao invés de desfrutar de uma interação civil e amena, eles mantêm uma relação mais agressiva ou contenciosa. Como início de um programa estético, o trecho sugere uma teoria parecida com a dos formalistas russos (que, apesar do nome, se interessavam agudamente pelo papel do leitor). O narrador, com seu discurso irregular, cambaleante e digressivo, obriga o leitor a prosseguir lentamente. Problematiza e torna áspera a linguagem, impedindo qualquer recepção descuidada. Na realidade, o trecho envolve uma Teoria da Mente sobre o leitor fictício (leitor superficial, narratário) e outra sobre um leitor mais apto (aquele a quem o livro parece estar destinado).

De maneira explícita, o conto "A chinela turca" elabora ainda mais a visão estética de Machado, imaginando um jogo complexo e interativo entre o leitor e o texto. O rico bacharel Duarte, quase de saída para encontrar-se num baile com uma moça muito atraente, recebe a visita de um velho amigo de seu falecido pai. O velho traz uma peça que acaba de escrever e obriga Duarte a ouvi-lo e dar uma opinião. Duarte, naturalmente, quer estar no baile, mas não tem como recusar. A peça é um melodrama grotesco, representando o seqüestro de um jovem, a tentativa de roubar sua herança por meio de um casamento forçado, a fuga do jovem e uma caça bem acidentada. A perseguição do protagonista leva ao gabinete do próprio Duarte, onde este desperta, ainda na presença do velho, horas depois de sua chegada, para descobrir que o drama a que acaba de assistir representou-se principalmente em sua cabeça: "fantasia inquieta e fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio. Um bom negócio e uma grave lição: provaste-me ainda uma vez que o melhor drama está no

---

<sup>14</sup> ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. v. 1, p. 583.

espectador e não no palco".<sup>15</sup> O desfecho surpreendente nos incita, como leitores, a fazer um exercício retroativo da Teoria da Mente, indagando que fatores no estado mental de Duarte, antes da leitura do drama, o teriam levado àquele pesadelo. Como herdeiro abastado, já no caminho para o casamento, parece estar preocupado com a sinceridade da amada, incerto se é ele ou o seu dinheiro que a atrai.

Em outro nível, o conto é um texto de metaficção, uma demonstração da função do receptor como parceiro do narrador na criação de um efeito estético. O mesmo deslizamento sutil sentido pelo bacharel Duarte, entre o plano da realidade e o plano do sonho, é também seguido pelo leitor, levando a uma gostosa surpresa final. Tal construção narrativa só pode ocorrer quando o autor possui uma Teoria da Mente, que antecipa e manipula as projeções imaginativas do leitor.

"Missa do galo" é um dos contos mais atrevidos de Machado de Assis, porque, ao invés de declarar explicitamente que o verdadeiro drama está na mente do receptor, como vemos em "A chinela turca", o texto faz uma demonstração da mesma idéia de um modo implícito. Na véspera de Natal, perto da meia-noite, Nogueira está desperto, esperando um amigo para ir à missa do galo. Dona Conceição, esposa de um parente em cuja casa Nogueira está hospedado, entra furtivamente na sala, vestindo um roupão, e se senta ao lado dele. Os dois conversam em voz baixa por alguns minutos, até o amigo chegar e Nogueira partir para a missa. Mas o protagonista-narrador confessa sua confusão, ainda anos depois do encontro: "Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta".<sup>16</sup> Embora Nogueira insista em sua incapacidade de compreender o incidente, nunca oferecendo nem uma hipótese sobre o significado da interação, o leitor consegue unir os indícios sutis e formular uma teoria esclarecedora, chegando a saber que a questão central é uma proposta sexual – ambígua, tênue, meio oferecida, meio retraída. O registro crítico é consistente em identificar a

---

<sup>15</sup> ASSIS, Machado de. A chinela turca. In:\_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. v. 2, p. 303.

<sup>16</sup> ASSIS, Machado de. Missa do galo. In:\_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. v. 2, p. 605.



possibilidade de sedução como o cerne da experiência<sup>17</sup> Mas tal conclusão se formula em grande parte na mente do leitor, porque a evidência textual é mínima. "Missa do galo", então, representa a extensão lógica de "A chinela turca". O segundo explicita uma teoria da recepção; o primeiro faz uma prova da mesma teoria, por meio de um discurso de lacunas e sentidos encobertos.

Os textos ficcionais de Machado constituem o complemento afirmativo de sua crítica. A crítica a *O primo Basílio* identifica a mania de "não esquecer nada" e "não esconder nada" e a acumulação obsessiva de detalhes como fatores esteticamente negativos, mas não elabora as alternativas positivas. No entanto, encontram-se tais posições positivas na ficção. Uma das afirmações mais ricas da teoria machadiana se encontra no romance *Dom Casmurro*, quando o narrador declara sua preferência por "livros omissos":

Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. [...] É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.<sup>18</sup>

De uma maneira geral e programática, o comentário verifica que as oclusões e omissões fazem parte de uma estética positiva, incluindo o estado mental do leitor na empresa criativa. A proclamação do narrador tem ainda mais importância quando a consideramos um indício auto-referencial. O narrador de *Dom Casmurro*, Bento Santiago, faz uma explicação detalhada de sua condenação da esposa, Capitu, por infidelidade. O convite por parte do narrador para "preencher suas lacunas" dá uma abertura sutil para a criação de interpretações alternativas do relato sobre o adultério. A verdadeira leitura do

---

<sup>17</sup> Ver, a este respeito: CUNHA, Tristão da. Contos de Machado de Assis. *Revista do Brasil* 2 (1939). p. 22-27; FITZ, Earl. *Machado de Assis*. Boston: Twayne, 1989; SCHMITT, Jack. An explication of Machado de Assis' "Missa do galo". *Proceedings: Pacific Northwest Conference on Foreign Languages* (1974). p. 52-55; NIST, John. The short stories of Machado de Assis. *Arizona Quarterly* 24 (1968). p. 5-22; KLOBUCKA, Anna. A narração de "Missa do galo" de Machado de Assis: uma (re)leitura demagógica. *Plaza* 13 (1987). p. 65-74.

<sup>18</sup> ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. p. 870-871.

romance tem uma história interessante. Durante uma ou duas gerações, os leitores aceitaram a acusação de infidelidade sem questioná-la.<sup>19</sup> Depois, foi quase geral a posição de que Capitu foi a vítima inocente da imaginação ciumenta de seu marido.<sup>20</sup> Só nos últimos anos é que a ambigüidade do romance teve um reconhecimento mais sério.<sup>21</sup>

Espero ter mostrado que, na resenha crítica de *O primo Basílio*, Machado caracterizou o Realismo-Naturalismo como uma espécie de autismo literário, que debilita gravemente o acesso à riqueza da experiência autêntica. É nos textos de ficção que encontramos a teoria afirmativa de Machado, complemento da crítica literária sobre a fraqueza dessas escolas. Além da ficção, sua obra narrativa expressa sua teoria literária, paradigma em que o leitor exerce uma função fundamental, constituindo, assim, uma Teoria da Mente no terreno da recepção literária.

Paul Dixon  
Purdue University

Paul Dixon é professor do departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Purdue University, tendo realizado seu doutorado na Universidade da Carolina do Norte. Atuou como professor visitante na Brigham Young University, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Com uma vasta produção de artigos e ensaios sobre a obra de Machado de Assis, é, ainda, autor de três livros: *Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia* (Movimento, 1992), *Retired dreams: Dom Casmurro, myth and modernity* (Purdue UP, 1989) e *Reversible readings: ambiguity in four Latin American novels* (U of Alabama Press, 1985).

---

<sup>19</sup> Cf. ELLIS, Keith. Technique and ambiguity in *Dom Casmurro*. *Hispania* 45 (1965). p. 76-81.

<sup>20</sup> Cf. BAPTISTA, Abel Barros. O legado Caldwell, ou o paradigma do pé atrás. *Santa Barbara Portuguese Studies* 1 (1994). p. 161-162.

<sup>21</sup> Cf. DIXON, Paul. *Dom Casmurro e o leitor*. In: SARAIVA, Juracy Assmann. (Org.) *Nos labirintos de Dom Casmurro: ensaios críticos*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2005. p. 209-23.